Divulgando a gente se entende:

uma cartilha digital contra o preconceito linguístico

Thayane Santos Antunes[1] (UERJ)

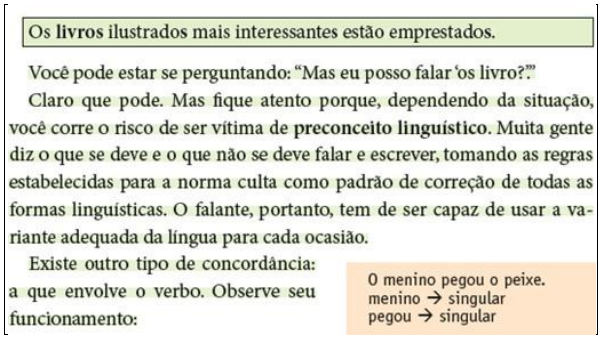
Resumo: Neste artigo, realizaremos uma breve apresentação dos trabalhos realizados durante a graduação em um projeto de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cujo principal objetivo foi promover uma divulgação científica do tema Preconceito Linguístico de uma maneira ampla e acessível, utilizando a *internet*. Apresentaremos, primeiramente, nossa principal motivação para realização deste trabalho, qual seja, a polêmica do livro didático de língua portuguesa que "ensinava os alunos a falar errado", ocorrida em meados do ano de 2011. Devido a esse acontecimento, foi possível perceber que a divulgação da Sociolinguística não está sendo satisfatória somente através de livros e teses e, portanto, resolvemos tentar ampliá-la utilizando o principal meio de comunicação dos dias atuais: a *internet.* Para alcançarmos esse objetivo, algumas etapas foram realizadas: um teste de crenças e atitudes que nos permitiu avaliar a opinião das pessoas a respeito do assunto; a elaboração de uma cartilha contra o preconceito linguístico disponibilizada através de um *blog*; a gravação de um vídeo cujo tema centrava-se na desconstrução de um suposto "erro" na fala; e, finalmente, a criação de um *site*, no qual buscamos compilar todos os trabalhos já realizados sobre o tema. Descreveremos todas essas etapas e, para finalizar, faremos um breve apontamento de nossos próximos passos, a serem realizados durante o curso de Mestrado.

1. Introdução (ou "O início de tudo")

Um ponto importante de se fazer ciência é a realização de divulgação científica. Muitos estudiosos já perceberam essa importância e buscam, portanto, compartilhar seus conhecimentos com a sociedade que está fora da universidade. Embora muitas vezes seja esquecida, essa divulgação é parte importante dos estudos de qualquer ciência, pois faz com que a sociedade fique a par dos avanços conquistados pelos pesquisadores de determinado assunto. No âmbito da Sociolinguística, área na qual se insere este trabalho, essa divulgação tem sido limitada a livros e revistas sobre o assunto – como em Bagno (1997, 1999) –, o que faz com que as grandes massas – cuja situação financeira e até mesmo o interesse pelo assunto são precários – não tenham acesso aos materiais disponibilizados.

Como prova de que essa divulgação não está se revelando satisfatória, podemos citar a polêmica, ocorrida em meados de 2011, sobre o livro didático *Por uma vida melhor,* da série de livros *Viver, Aprender*. Aprovado pelo Ministério da Educação para ensino em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), o livro, segundo a imprensa, ensinava os alunos a "falar errado", pois citava a possibilidade de uso da norma não padrão em determinadas situações comunicativas, advertindo-os de que, entretanto, poderiam sofrer preconceito linguístico devido a esse uso, como é possível ver nas figuras 1 e 2:

[1] Ex-bolsista de Iniciação Científica PIBIC/Cnpq da UERJ sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima; atual bolsista CAPES do Mestrado em Linguística da UERJ sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Joseh Lima.



Os **livros** ilustrados mais interessantes estão emprestados.

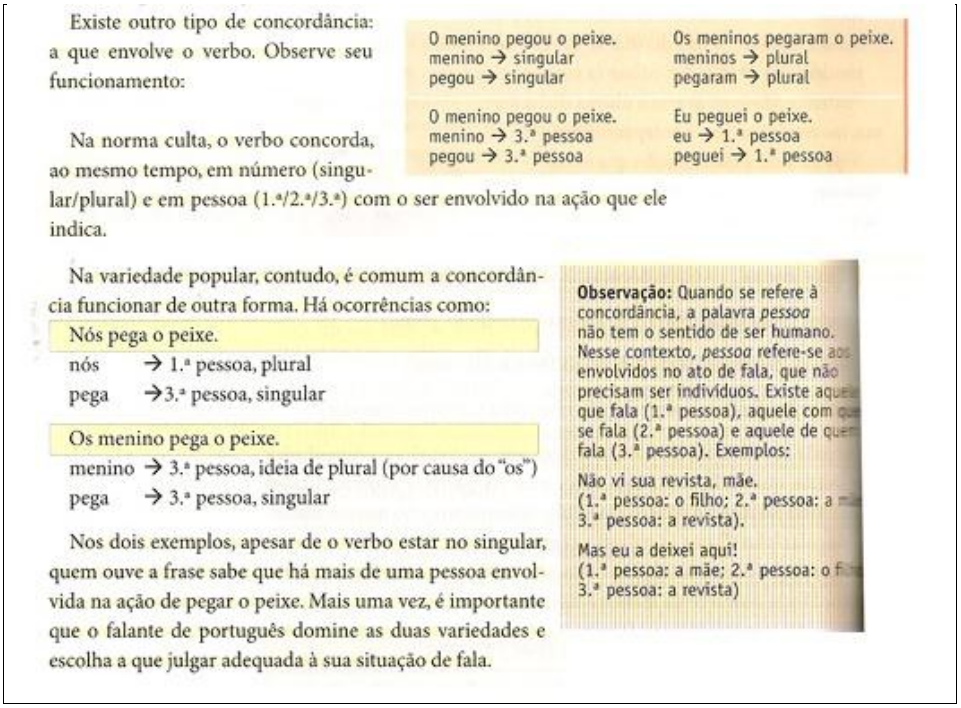
Você pode estar se perguntando: "Mas eu posso falar 'os livro?'"

Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de **preconceito linguístico.** Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião.

Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe.
menino → singular
pegou → singular

Figura 1. Recorte do capítulo 1 do livro "Por uma vida melhor"



Existe outro tipo de concordância: a que envolve o verbo. Observe seu funcionamento:

O menino pegou o peixe.
menino → singular
pegou → singular

Os meninos pegaram o peixe.
meninos → plural
pegaram → plural

O menino pegou o peixe.
menino → 3.ª pessoa
pegou → 3.ª pessoa

Eu peguei o peixe.
eu → 1.ª pessoa
peguei → 1.ª pessoa

Na norma culta, o verbo concorda, ao mesmo tempo, em número (singular/plural) e em pessoa (1.ª/2.ª/3.ª) com o ser envolvido na ação que ele indica.

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.
nós → 1.ª pessoa, plural
pega → 3.ª pessoa, singular

Os menino pega o peixe.
menino → 3.ª pessoa, ideia de plural (por causa do "os")
pega → 3.ª pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

Observação: Quando se refere à concordância, a palavra *pessoa* não tem o sentido de ser humano. Nesse contexto, *pessoa* refere-se aos envolvidos no ato de fala, que não precisam ser indivíduos. Existe aquele que fala (1.ª pessoa), aquele com quem se fala (2.ª pessoa) e aquele de quem fala (3.ª pessoa). Exemplos:

Não vi sua revista, mãe.
(1.ª pessoa: o filho; 2.ª pessoa: a mãe; 3.ª pessoa: a revista).

Mas eu a deixei aqui!
(1.ª pessoa: a mãe; 2.ª pessoa: o filho; 3.ª pessoa: a revista)

Figura 2. Recorte do capítulo 1 do livro "Por uma vida melhor"

A discussão sobre esse livro durou alguns meses e tomou conta de todos os jornais, revistas e programas de televisão, que reuniram opiniões de diversas pessoas sobre o assunto. Infelizmente, a maioria dos que expressaram suas opiniões publicamente não possuíam uma formação na área da Linguística e, portanto, argumentaram fortemente contra a aplicação do livro em questão nas escolas. Embora alguns linguistas tenham se manifestado posteriormente – como os professores José Luiz Fiorin, Ataliba de Castilho e o próprio Marcos Bagno[2] –,

[2] Os professores José Luiz Fiorin, Ataliba de Castilho e Marcos Bagno, além de em outras mídias, concederam entrevistas em programas veiculados na *internet*, cujos *links* se encontram a seguir, respectivamente: http://www.youtube.com/watch?v=o7OlNhxLrOg; http://www.youtube.com/watch?v=DROHTF4iaiQ; http://www.youtube.com/watch?v=kZ6dhChLUDY.

uma maioria da população continuou a considerar incorreto o uso do livro didático, realizando, ainda, uma crítica aos professores que defenderam esse uso.

Com o surgimento da polêmica, foi possível perceber o quão longe da sociedade a Linguística se encontra, uma vez que, se já houvesse certa aproximação entre os estudos realizados nas universidades e a sociedade e a mídia, essa polêmica poderia ser evitada ou, ao menos, amenizada. Infelizmente, muitos ainda desconhecem os conceitos e estudos dessa ciência, o que faz com que muitas informações sejam tidas como a única verdade, perpetuando, desse modo, o preconceito linguístico na mídia, nas escolas e na convivência da sociedade em geral.

Pensando em tentar mudar esse panorama, foi criado um projeto de Iniciação Científica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de buscar meios de divulgação para o tema Preconceito Linguístico, de modo a torná-la mais acessível e, portanto, mais satisfatória, alcançando um número maior de pessoas e promovendo, minimamente, a reflexão e a discussão do tema e uma aproximação entre sociedade e universidade.

Para chegarmos a esse objetivo, foi necessário realizar pesquisas acerca dos meios a serem utilizados e sua eficácia. Partindo do pressuposto de que os livros, embora sejam um meio tradicional de divulgação, limitam o acesso ao conhecimento àqueles que possuam dinheiro, tempo e, até mesmo, disposição para adquiri-los e realizar suas leituras, resolvemos buscar meios diferenciados para ampliar esse acesso, tornando-o rápido e fácil. Para isso, escolhemos a *internet* (Antunes, 2010) como nosso instrumento de divulgação científica e comunicação, por ser, atualmente, um meio ao qual uma parte majoritária da população tem acesso, seja em casa, no celular, na escola, no trabalho ou, ainda, nas *lan houses*.

Descreveremos agora as etapas pelas quais passamos até chegarmos ao nosso objetivo final: a criação de um *site* para compilação de trabalhos sobre Sociolinguística e preconceito linguístico.

2. O Teste de Crenças e Atitudes

A primeira etapa de nosso projeto foi a realização de um teste de crenças e atitudes linguísticas através da *internet*[3] e baseado no trabalho de Cyranka (2007). Utilizando conceitos de crença e atitude adaptados dos propostos por Santos (1996) e Barcelos (2006)[4], elaboramos um teste dividido em três partes principais: em um primeiro momento, somente era requisitado ao participante que informasse sexo, escolaridade e idade, para fins estatísticos; na segunda parte, encontrava-se o teste de crenças, cujo objetivo era medir o nível de crença do participante sobre o tema apresentado; a terceira parte, por sua vez, consistia no teste de atitudes, com questões de caráter opinativo que buscavam demonstrar as atitudes do participante diante de determinadas situações. Apresentaremos em detalhes essas partes.

O teste de crenças continha cinco perguntas, cujas respostas se limitavam às opções *sim* e *não*. As perguntas tinham por objetivo avaliar até que ponto o participante se interessava pelo assunto ou tinha algum conhecimento sobre o mesmo, de modo a poder, posteriormente,

[3] O teste pode ser acessado no link: http://migre.me/eiCF1.

[4] Resumidamente, os conceitos foram definidos da seguinte maneira: Crenças são conceitos estabelecidos e declarados a partir de vivências e experiências da vida cotidiana que uma pessoa possui sobre determinado assunto. Atitudes são ações realizadas pelo indivíduo diante de uma situação ou contexto, o qual pode influenciar se a atitude terá ou não relação com suas crenças.

delimitar seu nível de crença[5] acerca do tema da variação linguística e do preconceito linguístico. As cinco perguntas do teste foram as seguintes:

1) Você já ouviu em algum lugar sobre os diferentes jeitos de falar o Português?

2) Você já parou para pensar na língua que você fala (e as diferenças na fala)?

3) Você se interessa por esse assunto?

4) Você já julgou algum jeito de falar diferente do seu (como engraçado, feio, bonito, etc.)?

5) Você já discutiu sobre esse assunto com alguém?

Para o teste de atitudes, por sua vez, foram elaboradas doze questões, sendo duas distratoras (especificamente, as perguntas de número um e de número doze) e dez de avaliação, sendo essas variáveis entre fortes e fracas no que concerne à gravidade da afirmação apresentada. Para responder às questões, o participante tinha disponíveis três opções, sendo que somente uma deveria ser escolhida, como é possível ver a seguir:

1. O Português é uma língua _____ Japonês.
( ) muito parecida com o
( ) muito diferente do
( ) mais ou menos parecida com o

2. Eu falo minha língua de acordo com a gramática ensinada na escola:
( ) nunca
( ) às vezes
( ) sempre

3. _____ (os) jeito(s) de falar Português estão corretos.
( ) alguns
( ) somente um
( ) todos

4. Nas diversas situações da vida (ex.: praia, entrevista de emprego, com os pais, com os amigos etc.), eu falo:
( ) de acordo com cada situação
( ) misturando jeitos diferentes em uma mesma situação
( ) do mesmo jeito em todas as situações

5. Todos deviam falar como na gramática ensinada na escola:
( ) nunca

[5] O nível de crença de cada participante foi definido da seguinte maneira: os participantes que responderam *sim* em todas as perguntas, ou *não* em somente uma, foram classificados como possuidores de crença forte sobre o assunto; os participantes que responderam *não* a duas das perguntas, crença média; e aqueles que responderam *não* a três ou mais perguntas, crença fraca. Para análise do teste de atitudes, foram considerados apenas os participantes cuja crença foi definida como forte.

( ) às vezes
( ) sempre

6. Quem fala *errado* _____ ser corrigido na hora.
( ) não precisa (pois não há problema em falar errado)
( ) deveria (pois está errado e deve ser corrigido)
( ) não deveria (pois está errado, mas pode ser um constrangimento para a pessoa)

7. Quando conheço alguém, _____ em como a pessoa fala _____.
( ) não reparo/ porque não me importo com isso
( ) reparo/para julgá-la
( ) reparo/mas não me importo com isso

8. _____ modos de falar que são/sejam feios.
( ) não existem
( ) talvez existam
( ) existem

9. Quem diz coisas como *menas* é porque:
( ) não sabe falar
( ) fala diferente
( ) usa outra regra

10. Quem fala *errado* _____, por isso, fala _____.
( ) pode estar usando regras/diferente
( ) não usa regras/de modo inferior
( ) não sabe as regras da gramática/de qualquer jeito

11. Quem fala *errado*:
( ) não tem nenhum tipo de deficiência
( ) pode ter algum tipo de deficiência
( ) tem algum tipo de deficiência no ensino

12. Na Bahia, as pessoas falam de modo _____ do Rio de Janeiro.
( ) Igual ao
( ) Parecido com o
( ) Diferente

Cada opção respondida corresponderia a um tipo de atitude que, somado ao nível de crença, definiria um perfil para o participante em questão, que poderia ser chamado de *orientação preconceituosa*, *orientação amigável* ou *orientação neutra*. Para exemplificar, podemos citar algumas questões[6]:

[6] Perfis de acordo com as respostas das questões não mencionadas:
Orientação Preconceituosa: 2 – c ; 3 – b ; 5 – c ; 6 – b ; 7 – b ; 10 – b.
Orientação Amigável: 2 – b ; 3 – c; 5 – b; 6 – a; 7 –a; 10 – a.

Possui um perfil de orientação preconceituosa quem respondeu:

Na questão 8. _____ modos de falar que são/sejam feios. − existem.

Na questão 9. Quem diz coisas como *menas* é porque: − não sabe falar.

Na questão 11. Quem fala errado: − pode ter algum tipo de deficiência.

Possui um perfil de orientação amigável quem respondeu[7]:

Na questão 8. _____ modos de falar que são/sejam feios. − não existem.

Na questão 9. Quem diz coisas como *menas* é porque: − usa outra regra.

Na questão 11. Quem fala errado: − não tem nenhum tipo de deficiência.

O teste obteve um total de 112 participantes e os resultados encontrados mostraram uma ocorrência maior de orientação preconceituosa nos participantes com nível de escolaridade de Ensino Médio[8]. A partir da avaliação dos resultados, pudemos perceber, ainda, que a atitude dos participantes de Ensino Superior sobre o tema é mais amigável, o que julgamos ser uma consequência do fato de que, nas universidades, devido aos diversos congressos, pesquisas e divulgação ocorrida, uma parcela maior de pessoas tem acesso ao assunto, o que não ocorre no Ensino Médio, causando, portanto, essa diferença de opiniões em relação às variedades da língua.

A partir desses resultados, foi possível pensar na segunda etapa de nosso projeto, que visava à elaboração de uma cartilha digital contra o preconceito linguístico, tendo como principal público-alvo os adolescentes, para que os mesmos pudessem acessar essa cartilha através da *internet* em qualquer computador, celular ou dispositivo que o permitisse.

3. A Cartilha Digital Contra o Preconceito Linguístico

Pensando novamente em atender a um público amplo e promover a facilidade do acesso, a Cartilha Contra o Preconceito Linguístico foi elaborada para ser disponibilizada na *internet*[9]. Devido ao público-alvo que buscamos conquistar, o material utiliza linguagem simples e interativa, com poucos textos e muitas imagens e cores, de modo a estimular a leitura, tornando-a menos tediosa para aqueles que não estão acostumados a realizar leituras através de computador ou outros dispositivos digitais. Todas as páginas possuem "ganchos" para as próximas, uma proposta pensada para instigar a curiosidade e a interação entre as partes da cartilha, facilitando, também, a compreensão dos temas abordados. O número de páginas ficou limitado a 13 – incluindo capa e referências bibliográficas –, pois percebemos que, diante da facilidade e rapidez de compartilhamento de materiais na *internet* nos dias de hoje, estamos competindo com diversos outros tipos de informação, e, portanto, o ideal seria

[7] As respostas não citadas compõem o perfil de orientação neutra, que não foi utilizado na análise final.

[8] Perfil de Ensino Médio: 23% - orientação preconceituosa; 73% - orientação neutra; 4% - orientação amigável. Perfil de Ensino Superior: 17% - orientação preconceituosa; 59% - orientação neutra; 24% - orientação amigável.

[9] A cartilha encontra-se disponível no *link* cartilhacontraopreconceitolinguistico.blogspot.com.br.

promover um material prático, objetivo e esclarecedor. Faremos uma apresentação mais detalhada da cartilha a seguir.

Logo após a capa, a primeira página introduz o tema da cartilha utilizando uma citação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, como pode ser visto na figura 3.

Figura 3. Primeira página da Cartilha Contra o Preconceito Linguístico

A partir dessa citação, a cartilha passa a tratar do tema Preconceito, explicando-o e exemplificando os tipos mais conhecidos da nossa sociedade, como é o caso do preconceito racial, do preconceito religioso e do preconceito em relação à orientação sexual. Em todos os exemplos, utilizamos trechos de leis ou da Declaração dos Direitos Humanos para embasar nossa explicação e demonstrar que o assunto deve ser tratado com seriedade. Após abordar os preconceitos mais comuns, a cartilha apresenta uma diferenciação entre preconceito e intolerância, buscando demonstrar que, embora ambos sejam atitudes ruins e condenáveis, o preconceito é, na verdade, apenas um julgamento sem conhecimento, enquanto a intolerância pode ser considerada como algo pior, pois envolve o desprezo por aqueles com os quais se tem preconceito. A partir desse ponto, a cartilha passa a tratar do preconceito linguístico, como vemos na figura 4.

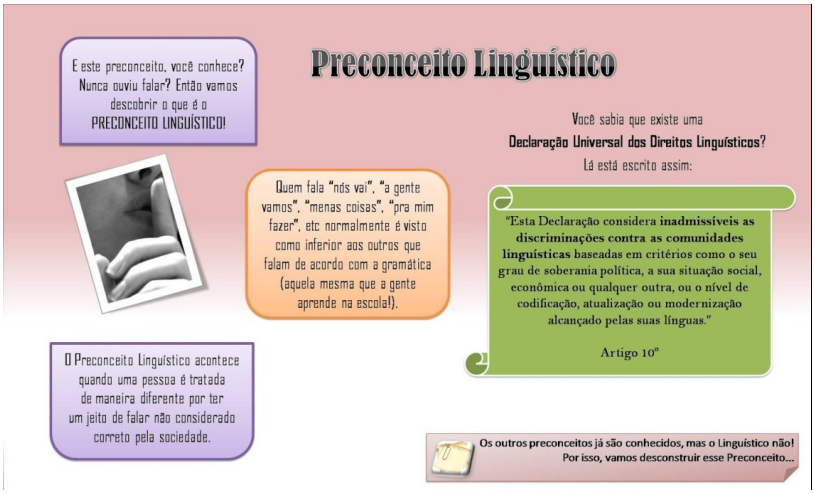


Figura 4. Página da cartilha que apresenta e exemplifica o preconceito linguístico

Pensando na necessidade de desconstruir o preconceito linguístico – uma vez que muitos nunca ouviram falar sobre o mesmo –, a página seguinte da cartilha é dedicada a esse fim. De modo a demonstrar que, assim como quaisquer outros preconceitos, o preconceito linguístico é infundado, a cartilha apresenta o argumento de que, se olharmos as variedades linguísticas sob o ponto de vista linguístico – e não mais sob o social –, perceberemos que todas possuem regra e lógica e, portanto, o mesmo valor da variedade padrão. Como exemplo para a nossa explicação, utilizamos duas tabelas[10] com as palavras *pouco*, *muito* e *menos*, ora fazendo papel de advérbio, ora de pronome, nas quais demonstramos que, ao agirem como advérbios seguidos de adjetivos, as palavras não se modificam para concordar com os mesmos; entretanto, ao agirem como pronomes diante de substantivos, as palavras *pouco* e *muito* se modificam para realizar uma concordância de gênero com a palavra seguinte, o que é plenamente aceito pela norma padrão. Nesse caso, portanto, o *menos* também deveria variar, pois segue a regra de concordância do pronome com o substantivo, porém essa variação não é reconhecida como correta pela norma padrão (figura 5).

[10] Segundo Antunes, T. S.; Lima, R. J. (2011).

Figura 5. Página da cartilha que desconstrói o preconceito linguístico

Levando em consideração que o principal público-alvo desse material são os adolescentes que estão cursando o Ensino Médio, e partindo da ideia de que o preconceito pode se tornar intolerância e gerar atitudes agressivas e humilhantes contra aqueles considerados diferentes ou inferiores, a cartilha apresenta o tema do *bullying*, explicando como ocorre e quais consequências pode causar, além de demonstrar sua relação com a intolerância linguística, como exposto na figura 6.

Figura 6. Página explicando a relação entre intolerância linguística e *bullying*.

Ao abordar esse tema, buscamos demonstrar que, embora pareça apenas uma simples brincadeira, o preconceito linguístico deve ser tratado com seriedade e visto como o que é realmente: um preconceito, como todos os outros, baseado em julgamentos pré-concebidos. A partir da desconstrução desse preconceito e da explicação das consequências de uma atitude intolerante em relação aos falantes de outras variedades linguísticas, objetivamos fazer com que os adolescentes repensem o assunto, discutindo-o e, portanto, promovendo a circulação desse conhecimento entre suas famílias, nas escolas e com os amigos.

A cartilha finaliza-se com uma página na qual consta um breve resumo de tudo que foi abordado (figura 7), de modo a ratificar os objetivos propostos de início e concluir o material. A página seguinte apresenta nossas referências bibliográficas para confecção da cartilha, além de informações sobre o projeto.

Figura 7. Penúltima página da cartilha, com um breve resumo do que foi abordado.

A divulgação da cartilha foi feita através de redes sociais, *e-mail* e *internet* em geral, e iniciou-se em meados do mês de julho de 2012. Até o final do mês de abril de 2013, a página do *blog* onde a cartilha está hospedada já exibia uma marcação de pouco mais de 1.700 visualizações, o que demonstra o sucesso desse trabalho.

A próxima etapa do nosso projeto foi buscar outro meio de divulgação que permitisse também um acesso maior e, principalmente, fosse coerente com a demanda dos dias atuais no que concerne à comunicação. Para tanto, escolhemos realizar um vídeo, o qual será apresentado na próxima parte desse artigo.

4. O vídeo “Com Que Fala Eu Vou?”

Nos dias atuais, a *internet* tem se tornado um dos principais (senão o principal) meio de comunicação entre pessoas. Enquanto na televisão, no rádio e nos jornais, por exemplo, somente podem se expressar aqueles que possuem um *status* perante a sociedade, na *internet*, de maneira muito democrática, é possível que qualquer pessoa apresente suas opiniões e divulgue-as para quem desejar. Além das redes sociais como *facebook* e *twitter*, o *youtube* também tem se tornado um ambiente propício para essa relação, fazendo com que pessoas comuns tenham a oportunidade de gravar vídeos em que falam sobre os mais diversos

assuntos, compartilhando-os com o mundo inteiro. Com essa liberdade, surgiu um novo tipo de vídeo chamado *vlog*, no qual pessoas comuns sentam-se em frente a uma câmera e falam sobre o que quiserem. Alguns dos *vlogueiros* (maneira pela qual se passou a denominar quem realiza esse tipo de vídeo) mais conhecidos nesse meio são Felipe Neto, Taciele Alcolea, PC Siqueira, entre outros. Apesar de se tratarem de pessoas comuns, seus vídeos obtiveram muito sucesso e, hoje, contam com milhares de visualizações por semana, além de comentários e compartilhamentos.

A partir desse conhecimento, resolvemos realizar um vídeo seguindo este estilo que parece fazer tanto sucesso na *internet*. A ideia, portanto, foi criar um *vlog* que tratasse exclusivamente de Preconceito Linguístico, algo inédito nessa área, o que foi concretizado com o canal "Com Que Fala Eu Vou?"[11], onde é possível encontrar um primeiro vídeo sobre o tema. O nome do canal e da série de vídeos foi escolhido devido ao fato de buscarmos demonstrar que não existe certo e errado na língua, mas sim, adequado e inadequado, portanto, é necessário saber utilizar todas as variedades da língua, cada uma em sua ocasião, o que é exemplificado na conhecida metáfora da roupa[12]. No primeiro vídeo – que já se encontra no ar e em processo de divulgação – o tema abordado é o preconceito contra quem utiliza a medida de peso grama no gênero feminino, como em "duzentas gramas". Utilizando uma linguagem simples de forma interativa e divertida, a atriz explica a regra desse uso, afirmando que não há nada de errado e citando que, caso alguém ria de quem fale assim, estará cometendo preconceito linguístico. O vídeo, assim como os *vlogs*, foi realizado com apenas uma pessoa sentada diante da câmera (figura 8), o que facilitou a sua execução e a identificação do público com um tipo de vídeo ao qual já está acostumado.

Figura 8. Primeiro vídeo da série "Com Que Fala Eu Vou?".

A postagem do vídeo no canal do *youtube* ocorreu no final do mês de fevereiro de 2013, porém seu processo de divulgação iniciou-se somente em meados de março do mesmo ano. Até o final de abril de 2013, o vídeo conta com pouco mais de 190 visualizações, onze opções "curtir" (opção de votação através da qual as pessoas que assistiram demonstram se gostaram

[11] Canal Com Que Fala Eu Vou?: http://www.youtube.com/comquefala.

[12] Esta analogia muito comum em casos de divulgação da sociolinguística tenta demonstrar que, assim como é necessário escolher a roupa certa para determinada ocasião, também é necessário utilizar a fala adequada e de acordo com o contexto em que se está inserido.

ou não do vídeo) e três comentários, números que buscaremos aumentar, investindo em uma divulgação em massa e bem estruturada, além da publicação de outros vídeos que já se encontram em processo de produção.

A próxima e última etapa de nosso projeto foi a confecção de um *site*, no qual esses e outros trabalhos sobre o tema seriam compilados, o que apresentaremos a seguir.

5. O *site* e nossos próximos passos

Adaptando o sugerido por Baronas (2007), a criação de um *site* (figura 9) sobre o tema Preconceito Linguístico vem preencher uma lacuna no que concerne à divulgação desse tema. Ao criarmos um portal no qual é possível compilar trabalhos de diversos autores – seja em formato de vídeo, texto, imagens, música ou quaisquer outros possíveis – estamos nos adaptando aos novos tempos, ultrapassando os muros da universidade e promovendo a interação entre sociedade e academia. Para que essa interação seja ainda mais proveitosa, um diferencial em nosso *site* foi a criação de um fórum (figura 10), instrumento pelo qual os visitantes podem conversar, criticar ou elogiar, expressar suas opiniões, tirar suas dúvidas e, até mesmo, disponibilizar seus próprios trabalhos para serem incluídos posteriormente no *site*.

Figura 9. Página inicial do *site*.

Figura 10. Página do fórum do *site*.

O *site* em questão já se encontra disponível[13] e conta – até o final do mês de abril de 2013 – com pouco mais de 350 visualizações. A divulgação do *site* foi iniciada somente entre poucas pessoas em meados de março e será promovida de modo mais amplo assim que o mesmo estiver concluído, o que planejamos que ocorra a partir do mês de maio de 2013.

Nossos próximos passos – agora em nível de projeto de Mestrado – serão voltados para a criação e a compilação de mais materiais em relação ao tema, além de utilização deste *site* como um teste para a criação de um próximo, mais elaborado e com ainda mais conteúdos, de modo a conseguirmos promover a sociolinguística de maneira ainda mais ampla e, também, incentivar cada vez mais a interação entre academia e sociedade, criando, assim, um hábito de reflexão e discussão sobre o tema Preconceito Linguístico que sabemos não ocorrer no cotidiano da maioria das pessoas.

Referências

ANTUNES, T. S. *Lingüística na mídia*. [Comunicação apresentada na 19ª SEMIC]. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

ANTUNES, T. S; LIMA, R. J. Mais do Menas: onde a exposição jamais esteve! In: BERNARDO, S., AUGUSTO, M. R., VASCONCELLOS, Z. (Org.). *Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações* (6). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Letras, 2011.

ANTUNES, T. *Mude suas crenças, melhore suas atitudes*: um teste online sobre Preconceito Linguístico. Painel apresentado no 60º Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo. São Paulo, USP, 2012.

BAGNO, M. *A Língua de Eulália*: novela sociolinguística. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

_____. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

[13] O *site* encontra-se disponível no *link*: www.pelofimdopreconceitolinguistico.com.

BARCELOS, A. M. F. *Crenças e Ensino de Línguas*. São Paulo: Pontes Editores, 2006.

BARONAS, R. Da necessidade premente de se cometer uma política de divulgação científica qualificada dos trabalhos da lingüística do Brasil. *Revista da Anpoll*, v. 29, n. 1, p. 235-258, 2010.

CYRANKA, L. F. M. *Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG*. 2007. 174 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)− Instituto de Letras, UFF, Niterói, 2007.

SANTOS, E. *Certo ou Errado?* Atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Graphia, 1996.